



EDITORIAL

Línguas, culturas e visualidades em diálogo: Libras, educação e expressão artística

Letícia de Sousa Leite *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-6335-0118>

Eliamar Godoi **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9306-1379>

Carine Gurunga de Matos***

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-4238-9718>

VIDEO-EDITORIAL: https://www.youtube.com/watch?v=W7b9kQ6_sQ

Este número da *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras* convida o leitor a acompanhar um percurso em que línguas, culturas e visualidades se encontram. A edição está organizada em três eixos temáticos: Linguística; Ensino e Educação; e Literatura, Tradução e Artes. Em conjunto, os estudos têm a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como ponto de convergência para refletir sobre a constituição da linguagem, a educação de surdos, a acessibilidade linguística e as possibilidades de criação estética.

Apesar da diversidade de objetos, métodos e contextos de investigação, os trabalhos compartilham uma compreensão da Libras como elemento estruturante das experiências linguísticas, educacionais e culturais da comunidade surda. Desse entendimento decorre uma reflexão sobre as

* E-mail: leticiadesousaleite@gmail.com

** E-mail: eliamarufu@gmail.com

*** E-mail: carine.gurunga@unilab.edu.br





condições necessárias para que as pessoas surdas participem da vida social por meio de uma língua reconhecida em sua autonomia, em sua complexidade e em sua potência expressiva.

A própria organização do número expressa essa compreensão. Distribuídos em três seções, os estudos conduzem o leitor por um percurso que se inicia no funcionamento linguístico da Libras, alcança os processos de ensino e participação social e encontra, na literatura, na tradução e nas artes, outras formas de circulação dos sentidos. Essa composição acompanha a estrutura adotada pela revista em seus editoriais, nos quais a apresentação dos trabalhos também explicita o diálogo científico que confere unidade à publicação. Nesse sentido, a singularidade de cada artigo não impede a construção de um horizonte compartilhado de reflexão, segundo o qual o reconhecimento da diferença linguística requer conhecimentos capazes de sustentar práticas efetivamente acessíveis.

A primeira seção, intitulada **Linguística**, reúne seis estudos dedicados à análise da Libras sob diferentes perspectivas. O percurso começa com o artigo *“Categorias determinativas e combinatórias na organização e composição da fala sinalizada em Libras de docentes surdos que atuam no ensino superior”*, de Raquel Bernardes, Eliamar Godoi e Letícia de Sousa Leite. A pesquisa se volta às produções de professores surdos para compreender processos classificatórios, funções linguísticas e regras de combinação presentes na fala sinalizada. Nesse contexto, a análise das categorias de determinantes e articuladores mostra como os sinais podem assumir simultaneamente funções lexicais e gramaticais. Com isso, o estudo contribui para uma descrição da Libras orientada por sua organização morfossintática e semântica.

Esse olhar para o funcionamento interno da língua encontra continuidade em *“Semântica lexical na Libras: explorando polissemia, sinonímia e antonímia”*, de João Paulo Ampessan, Jaqueline Boldo, Tarcísio de Arantes Leite e Heloíse Gripp Diniz. Os autores problematizam interpretações que subordinam os significados dos sinais às palavras do português e





defendem a análise da Libras mediante o emprego da Libras como metalinguagem. Nessa perspectiva, polissemia, sinonímia e antonímia são examinadas em contextos reais de uso, nos quais os sentidos emergem das relações estabelecidas entre os signos e das situações comunicativas em que circulam. Sob esse enfoque, o artigo convida o leitor a abandonar equivalências automáticas entre línguas e a reconhecer que a compreensão semântica da Libras pressupõe categorias analíticas coerentes com sua autonomia linguística.

O diálogo entre línguas orienta o terceiro estudo da seção. Em *Análise contrastiva dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais: um estudo comparativo entre a Libras e a LGP*, Josy Vitória de Sousa Macêdo e Maria João B. Marçalo aproximam a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Gestual Portuguesa. A comparação se organiza a partir dos parâmetros de configuração de mão, movimento, orientação, localização, expressões não manuais e articulação-boca. Embora ambas compartilhem a modalidade visual-espacial, suas formas de organizar o espaço, constituir unidades morfológicas e mobilizar a iconicidade apresentam diferenças relevantes. Essas diferenças favorecem uma compreensão mais precisa de cada língua e abrem caminhos para pesquisas, materiais acessíveis e práticas pedagógicas vinculadas às comunidades surdas brasileira e portuguesa.

Em seguida, *Tradução audiovisual para Libras: adaptações de materiais na área da Odontologia*, de Cristiane Siqueira Pereira, conduz a discussão linguística para um campo terminológico especializado. A tradução de um vídeo odontológico serve de base para a análise das decisões necessárias à reconstrução de conceitos técnicos em Libras. Nesse processo, a autora articula análise terminológica, planejamento visual, janela de Libras, legendagem em português e preservação do áudio original. O estudo demonstra que a acessibilidade de um material acadêmico envolve um trabalho tradutório capaz de compreender o conteúdo, reorganizar os





sentidos e considerar as condições visuais de recepção, o que projeta a discussão para além da isolada inserção de um intérprete na tela.

O artigo *Influência lexical africana no português brasileiro e sua tradução para Libras no contexto educacional bilíngue*, de Marcos Vinícius Guimarães Ferreira e Michele de Oliveira Machado, recupera a presença de palavras provenientes de línguas africanas no português brasileiro e examina sua representação em Libras. Vocábulo como *cafuné*, *xodó*, *dendê*, *fuzuê* e *acarajé* são compreendidos como marcas de uma história linguística constituída pelo contato entre povos, línguas e culturas. Sob essa perspectiva, a tradução desses termos em contextos bilíngues requer uma mediação capaz de preservar suas referências culturais. O estudo aproxima língua, memória e educação e oferece ao leitor uma reflexão sobre a participação das matrizes africanas na formação do repertório linguístico brasileiro.

Encerrando a primeira seção, *Análise da categoria preposição em um dicionário de Libras*, de Carine Gurunga de Matos, retoma um problema central da descrição gramatical da Língua Brasileira de Sinais ao investigar se os itens classificados como preposições no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (Capovilla *et al*, 2017) efetivamente desempenham essa função na Libras. Fundamentado na Teoria Gerativa, o estudo examina a atribuição de papel temático e de Caso em estruturas que, no português, exigem sintagmas preposicionais. Os resultados indicam que, com exceção dos sinais *COM/JUNTO* e *ATÉ*, os elementos tradicionalmente classificados como preposições não exercem essa função, sendo substituídos por mecanismos próprios da língua, como a sintaxe espacial, a direcionalidade, a ordem dos constituintes e o uso de classificadores. Ao problematizar categorias gramaticais transpostas do português para a Libras, o artigo reafirma a necessidade de descrever a língua a partir de sua organização interna e de reconhecer a especificidade de seus processos sintáticos.

Reunidos, os estudos da primeira seção demonstram que a descrição da Libras não se restringe ao funcionamento interno da língua, uma vez que ela





também permite compreender como sua organização sustenta processos de significação, tradução e circulação de conhecimentos em diferentes contextos sociais e culturais. Essa perspectiva conduz à segunda seção, na qual o debate se desloca para os espaços em que esses conhecimentos se concretizam em práticas educativas e em condições de efetivação dos direitos linguísticos da comunidade surda.

A seção **Ensino e Educação** reúne seis estudos sobre experiências, instituições e decisões que interferem na participação das pessoas surdas. O primeiro deles amplia o horizonte educacional para além da escola. Em *Acessibilidade linguística como fundamento da inclusão de surdos no Movimento Escoteiro Brasileiro*, Rangel Magno Feitosa Parente e Eliamar Godoi analisam o escotismo como espaço não formal de formação cidadã. A partir desse contexto, os autores identificam lacunas terminológicas e pedagógicas que restringem a participação de jovens surdos e defendem a Libras como condição para uma inclusão que ultrapasse a presença física. Como desdobramento dessa análise, a linha do tempo construída pelo estudo recupera avanços históricos e oferece subsídios para a produção de materiais voltados ao contexto escoteiro.

O espaço escolar ocupa o centro de “*AEE para surdos como ambiência bilíngue mediada pela tecnologia: diálogos e aportes da Linguística Aplicada crítica e indisciplinar*”, de Nathália Scalabrini Rocha, Eliamar Godoi, Letícia de Sousa Leite e Raquel Bernardes. O estudo situa o Atendimento Educacional Especializado como uma ambiência linguística em que a Libras constitui a língua de instrução. Nessa perspectiva, as tecnologias assumem a função de mediações semióticas capazes de aproximar conhecimento, visualidade e protagonismo surdo. A coerência dessa proposta também depende da articulação entre o AEE e a sala regular, uma vez que a fragmentação entre esses espaços compromete a construção de uma educação bilíngue.

Contudo, antes mesmo do ingresso na escola o acesso à língua já participa da constituição da criança surda. Essa discussão orienta “*Família e*





aquisição da Libras como eixo de constituição linguística e identitária do sujeito surdo”, de Pedro Henrique de Macedo Silva e Eliamar Godoi. Esse estudo investiga as implicações da ausência de uma língua compartilhada no ambiente familiar e mostra como o acesso precoce à Libras favorece o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social. Nesse contexto, a família é compreendida como parte de uma comunidade de interlocução que pode reduzir barreiras comunicativas ou prolongá-las. Em vista disso, essa compreensão conduz a uma reflexão sobre a responsabilidade coletiva de favorecer à criança surda condições para constituir sua experiência linguística, fortalecer seus vínculos sociais e construir sua identidade.

A centralidade do direito de aprender também atravessa os processos avaliativos. Em *Avaliar é educar: alteridade surda e o enfrentamento ao ouvintismo nos processos avaliativos*, as autoras Letícia de Sousa Leite, Eliamar Godoi, Raquel Bernardes e Nathália Scalabrini Rocha questionam modelos que utilizam parâmetros fonocêntricos na avaliação da aprendizagem de estudantes surdos. Essa análise parte do reconhecimento da heterogeneidade da surdez e situa a Libras, a visualidade e a interlíngua como referências para a construção dos instrumentos avaliativos e para a interpretação das produções dos estudantes. Esse deslocamento permite compreender a avaliação como uma dimensão do processo educativo comprometida com a aprendizagem, em vez de reafirmar desigualdades produzidas por práticas linguisticamente inacessíveis.

No próximo trabalho, *“A Língua de Sinais como ferramenta de inclusão: relato de experiência do Projeto Novo Horizonte em Libras”*, de Giselly Tiago Ribeiro Amado, Andreolina Heloisa Ribeiro Rabelo e Suely André de Araújo Drigo, aproxima formação acadêmica, extensão universitária e cotidiano escolar. De acordo com esse estudo, as oficinas realizadas em uma instituição de Educação Especial envolveram estudantes com diferentes necessidades educacionais e mobilizaram atividades lúdicas e contextualizadas. A experiência revela os desafios presentes na adequação das propostas e o





envolvimento dos participantes com a aprendizagem inicial da Libras. Sua forma de apresentação também reafirma o compromisso desta edição com diferentes modos de produzir e compartilhar conhecimento científico.

A autonomia, discutida nas práticas educacionais dos artigos anteriores, assume uma dimensão jurídica em *A tomada de decisão apoiada como instrumento processual de concretização do direito ao exercício da capacidade civil da pessoa com deficiência*, de Márcia Ferreira Porto, em que a autora analisa esse mecanismo como alternativa às práticas tradicionais de interdição e curatela. Nesse modelo, a pessoa com deficiência permanece no centro das decisões que dizem respeito à sua vida e recebe apoio sem que sua vontade seja substituída. Desse modo, o estudo alarga a compreensão da inclusão ao demonstrar que ela também se realiza no exercício da capacidade civil, na manifestação das próprias escolhas e no acesso à justiça em condições equânimes.

Em conjunto, os textos da segunda seção permitem compreender que acessibilidade linguística, educação e autonomia constituem dimensões indissociáveis da participação social. Essa articulação reafirma a necessidade de a Libras integrar os diferentes espaços de formação e convivência, condição que adquire sentido quando acompanhada pelo reconhecimento da pessoa surda como sujeito de linguagem, de direitos e de decisões.

Esse percurso conduz à terceira seção, *Literatura, Tradução e Artes*, na qual a acessibilidade se encontra com a experiência estética. Seus três estudos discutem a tradução literária para Libras sem reduzi-la à transferência de palavras entre códigos. Nesse território, traduzir requer recriar ritmos, imagens, tensões e afetos por meio dos recursos expressivos de uma língua visual-espacial.

O primeiro trabalho, *A tradução de “O Bicho” para Libras: inclusão, estética e criticidade*, de João Victor Maia Napoles Gomes, apresenta uma experiência de tradução e interpretação do poema de Manuel Bandeira. Nesse processo, a crítica social presente na obra é reconstruída mediante o uso do





espaço, das expressões faciais e dos classificadores. A tradução da obra em Libras amplia as possibilidades de envolvimento dos estudantes surdos com o poema e favorece a apreensão da intensidade da cena representada. Nesses termos, o artigo demonstra que o acesso à literatura ultrapassa a compreensão do conteúdo quando incorpora a experiência estética e a participação nas reflexões humanas e sociais suscitadas pela obra.

A reflexão sobre a tradução literária prossegue em *O mundo do livro em Libras: acessibilidade e tradução na literatura para surdos*, de Maisa Conceição Silva, que discute como o livro pode ser ressignificado em suportes visuais. Nessa proposta, os videolivros assumem a condição de espaços de mediação linguística e cultural, nos quais a experiência de leitura é reconstruída por meio da Libras. Expressões faciais, classificadores, composição espacial e outros recursos linguísticos participam dessa recriação e afastam a compreensão da tradução literária como simples correspondência entre Libras e português. Desse modo, o estudo redimensiona a noção de livro ao reconhecer que a experiência literária pode se constituir em diferentes materialidades.

A reflexão sobre a tradução poética encontra novo desenvolvimento em *Tradução-interpretação poética em Libras: uma análise do poema "Aninha e suas pedras", de Cora Coralina*, também de Maisa Conceição Silva. Diante de uma obra cujos sentidos se constituem por elementos sonoros, estruturais e simbólicos, a autora investiga os desafios envolvidos em sua recriação em Libras. A recriação do efeito poético se apoia nas configurações de mãos, nas expressões faciais e na composição visual, recursos que reorganizam, na língua de sinais, a experiência estética proposta pelo poema. O vídeo produzido, acompanhado de fotografias e legendas, amplia as possibilidades de circulação da obra e favorece novas formas de recepção da poesia de Cora Coralina.

Esses três trabalhos encerram a edição com uma questão decisiva: o que significa ter acesso a uma obra literária? Os estudos indicam que esse acesso





não se esgota na compreensão de seu conteúdo nem na explicação de seus sentidos. Ele requer condições linguísticas que permitam ao leitor participar da experiência estética e das formas de compreensão do mundo que a literatura torna possíveis. A tradução poética para Libras confirma que acessibilidade e criação artística não constituem dimensões antagônicas. Ao contrário, a potência estética da obra se realiza por meio de escolhas tradutórias capazes de preservar sua singularidade e de dialogar com a experiência linguística de seu público.

O percurso construído pelos quatorze trabalhos reunidos neste número revela que a Libras atravessa diferentes dimensões da experiência humana sem perder sua unidade como língua de conhecimento, de interação e de criação. A descrição de sua organização linguística, o debate sobre os direitos educacionais e sociais da comunidade surda e as experiências de tradução e produção artística compõem um mesmo horizonte de reflexão. Nele, linguagem, cultura e participação deixam de constituir campos separados para integrar um projeto comum de reconhecimento da diferença linguística como fundamento da vida coletiva.

É nessa articulação que a edição encontra sua unidade. Conhecer uma língua implica reconhecer as pessoas que a constituem em suas práticas sociais e compreender os mundos que ela torna possíveis. A descrição linguística oferece fundamentos para a tradução. Esta, por sua vez, amplia o acesso ao conhecimento, enquanto a educação cria condições para a participação social. A arte, enfim, recorda que toda língua também é lugar de imaginação, experiência estética e pertencimento.

Chegamos ao término desta edição com o desejo de que cada leitora e cada leitor encontre, nestas páginas e produções audiovisuais, questões capazes de acompanhar suas pesquisas, suas práticas profissionais e suas experiências de convivência. Que os estudos aqui reunidos abram novos caminhos de investigação, consolidem a formação de profissionais comprometidos com a diferença linguística e ampliem o diálogo entre





pesquisa, educação, tradução e arte. É com esse horizonte que entregamos este número à comunidade acadêmica, na expectativa de que as reflexões aqui apresentadas encontrem continuidade nas salas de aula, nos grupos de pesquisa, nas comunidades surdas e nas diferentes práticas sociais em que a Libras produz conhecimento, cultura e participação.

Desejamos a todas e a todos uma leitura instigante, fecunda e inspiradora.



Letícia de Sousa Leite



Eliamar Godoi



Carine Gurunga de Matos

Letícia de Sousa Leite, Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL). É também especialista em Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado pela mesma instituição. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e em Letras-Libras pelo Centro Universitário ETEP. Atua como intérprete de Libras na UFU, junto à Divisão de Acessibilidade e Inclusão (Dacin). Coordena o curso de formação de professores Altas habilidades ou superdotação: práticas educacionais inclusivas no contexto do AEE, ofertado pela UFU com apoio do Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi). É professora pesquisadora e conteudista em cursos de formação voltados para altas habilidades ou superdotação e para o serviço de atendimento educacional especializado aos educandos surdos oralizados, também desenvolvidos pela UFU em parceria com MEC e Secadi. Lidera o Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELET), dedicando-se à investigação de práticas inclusivas, mecanismos de avaliação da aprendizagem de surdos, ensino de línguas para surdos e recursos tecnológicos aplicados à educação.





Eliamar Godoi, Doutorado em Estudos Linguísticos e Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Pós-graduação em Neurociência e Avaliação Neuropsicológica pelo Instituto Suassuna - GO. Pós-Graduação em Língua de Sinais Brasileira - Libras pelo Instituto Eficaz. Pós-graduação em Educação Especial pela Faculdade Católica de Uberlândia - SOCEUB. Graduação em Letras e em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Anhanguera. Professora Associada do Instituto de Letras e Linguística - ILEEL e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Líder e Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias - GPELET. Pesquisas na área de Libras e de escolarização de pessoas com deficiência, Linguagens, Linguística com ênfase em Libras, Língua Portuguesa e Educação Especial e a Distância. Atua nos seguintes temas: Aspectos Linguísticos da Libras, Ensino e Metodologias do ensino de Libras e da Língua Portuguesa, Língua Portuguesa para surdos e ouvintes, Educação Especial e a Distância e Linguagens.

Carine Gurunga de Matos, Doutora e Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-graduação - PPGLin - UESB. Pós-graduada em Especialização em Libras e Educação de Surdos, e em Atendimento Educacional Especializado e Educação Inclusiva, graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa pela Universidade do Estado da Bahia e em Letras Libras pela Uniasselvi. Ministrou aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental de redes municipais (2015-2016), atuou como Intérprete de Libras desde o nível Fundamental até o Superior em redes municipais e estaduais (2011-2015). Fez parte do quadro efetivo no cargo de Tradutor/Intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), no período de 2016 à 2024. Atualmente atua como Professora Adjunta de Libras na Unilab (Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira) e coordena o Curso de Letras - Língua Portuguesa no Campus dos Malês.

Para citar este texto (ABNT): LEITE, Letícia de Sousa; GODOI, Eliamar; MATOS, Carine Gurunga de. Línguas, culturas e visualidades em diálogo: Libras, educação e expressão artística. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº Especial I, s.p., jan./jun.2026.

Para citar este texto (APA): Leite, Letícia de Sousa; Godoi, Eliamar; Matos, Carine Gurunga de (jan./jun.2026). Línguas, culturas e visualidades em diálogo: Libras, educação e expressão artística. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), 6 (Especial I): s.p.

